

UNIVERSIDADE BUSCA RECURSOS EMERGENCIAIS

Página 3

#OrgulhoDeSerUFRJ



LINHA DE FRENTE
Os profissionais de Enfermagem do Instituto de Puericultura e Pediatria Martagão Gesteira fazem um pedido tão singelo quanto necessário: fiquem em casa

A UFRJ QUE NÃO PODE PARAR

CIÊNCIA, SOLIDARIEDADE E COMPROMETIMENTO são os remédios da UFRJ para enfrentar o coronavírus. A comunidade acadêmica da maior universidade federal do Brasil está engajadíssima no tratamento e na pesquisa sobre a doença. Há milhares de técnicos, professores e estudantes que não entraram em quarentena porque não podem parar. Estão arriscando a própria vida para salvar vidas nos hospitais universitários, nos laboratórios de pesquisa e na área administrativa. Nessa edição do jornal da AdUFRJ, nosso muito obrigado pela dedicação incansável. **Páginas 2, 3, 4, 5 e 8**

EDITORIAL

“SABEDORIA E ESPÍRITO DE LUTA: A MINERVA QUE ESTÁ EM CADA UM DE NÓS”

DIRETORIA

Hoje não falaremos dos governantes obtusos. Hoje não falaremos da mesquinhice de nosso ministro. Corremos o risco de termos os salários reduzidos e bolsas estão sendo cortadas, enquanto mentiras são distribuídas por eles. Hoje faremos uma pausa e falaremos de uma outra realidade: daquela UFRJ que não pode parar. Enquanto nos entediamos na rotina dolorosa de uma reclusão forçada, muitos de nossos colegas estão disputando cada milímetro de território com a epidemia do coronavírus. Da pesquisa de ponta até a limpeza do jardim, a iminência de um colapso do sistema de saúde coloca todos diante de um mesmo desafio: a defesa da vida em primeiro lugar. Essa estranha epidemia nos obriga a estar em casa não porque ela nos mate imediatamente, mas porque precisamos defender os mais frágeis. Sua letalidade está na velocidade com que atinge a todos e o

único remédio eficaz até agora tem sido uma ação coletiva de reclusão e renúncia. Tempos estranhos. Aguardamos que venha do front uma boa notícia: uma vacina, um medicamento, a contenção do avanço do contágio. Mas nada disso virá sem muito esforço e sacrifício. E esta edição do jornal é inteiramente dedicada àqueles que enfrentam uma dura rotina, que se cansam, que se desgastam, que não querem ser heróis. Mas que possuem a firme consciência de seu papel na sociedade. Nada mais subversivo nos dias de hoje. Do poder central emanam leis que nos jogam à própria sorte, que pauperizam ainda mais aqueles que já carregam sobre seus ombros o trabalho duro, pesado e a baixa remuneração. A desfaçatez não tem limites ao fazer desabar sobre os assalariados – públicos ou privados – a conta maior a ser paga nesse momento. Ninguém está fugindo às suas responsabilidades, nenhum de nós está se recusando a dar sua cota de sacrifício para que possamos passar por tudo isso com o menor dano possível. Mas não é aceitável, não é justo, não é possível que isso aconteça sem uma decisão

firme e generalizada para todos. São os servidores públicos das universidades e institutos de pesquisa em todo o país que serão a vanguarda desse embate. Que ao menos a conta seja cobrada também aos bilionários da nação. Hoje não pronunciaremos o nome de nossos governantes. Hoje faremos uma pausa para falar apenas daqueles que constroem efetivamente uma vida melhor para todos nós. Claro que não falamos de todos, nos perdemos, porque felizmente são muitos. Falaremos mais nas próximas edições do nosso jornal do que vem sendo feito pela nossa universidade. Felizmente também é muito. Nas redes sociais estamos com a boca no trombone, gritando contra esse estado de coisas. Não deixem de nos acompanhar pelo Facebook, Instagram, Twitter, não deixe de participar. Mas hoje fizemos uma pausa: uma homenagem àqueles que não podem parar. A eles, o nosso agradecimento. A todos nós, o desejo que dessa dolorosa experiência nasça uma sociedade renovada e mais solidária. Sonhamos alto, mas com o firme compromisso de que esse sonho se torne gesto, ato, realidade.

NOTA DA REDAÇÃO

■ A versão impressa do Jornal da AdUFRJ está suspensa durante a quarentena. Para receber a versão digital por correio eletrônico mantenha seus dados atualizados. Para isso, basta enviar um email para adufrj@adufrj.org.br. Para receber o jornal via Whatsapp, salve o número (21) 99365-4514 nos contatos do seu celular; e preencha seu nome e telefone no formulário eletrônico disponível no rodapé do email em que a edição é distribuída. Nosso jornal seguirá com sua edição semanal durante a pandemia, cobrindo os assuntos relacionados à UFRJ e à Educação, sempre procurando levar aos leitores informação de qualidade, comprometida com a reportagem, com a reflexão e com a universidade pública e gratuita. Siga a AdUFRJ nas redes e compartilhe nosso jornal.

IMAGENS DA SEMANA



MUITO OBRIGADO AOS PROFISSIONAIS DA UFRJ QUE NÃO PODEM PARAR

■ Salvar a vida do próximo é a motivação de centenas de trabalhadores da maior universidade federal do país envolvidos no combate à pandemia. Do funcionário terceirizado que limpa com cuidado uma maçaneta de porta até o pesquisador que passa dias e noites estudando as características do novo coronavírus, cada um faz sua parte. E todos contribuem para a UFRJ cumprir seu papel no atendimento hospitalar, na produção própria de insumos, na informação ao público e na pesquisa de ponta.



Emergência contra corona: UFRJ pede R\$ 20 milhões

> Recurso foi solicitado ao Ministério da Educação para compra de kits de diagnóstico da doença, aquisição de equipamentos para os hospitais universitários e instalação de novas UTIs

KELVIN MELO
kelvin@adufrj.org.br

Na linha de frente do combate ao coronavírus, a UFRJ solicitou R\$ 20,7 milhões ao Ministério da Educação para a compra de insumos e equipamentos. A boa notícia é que a demanda deve ser integralmente atendida nos próximos dias.

O plano de trabalho foi enviado na quinta-feira (19), após uma consulta do MEC às universidades sobre o custo de ações em andamento ou em estudo para ajudar no enfrentamento da pandemia.

EMPRESA DEMITE 93 TERCEIRIZADOS DO BANDEJÃO

■ Todas as empresas terceirizadas da UFRJ estão recebendo dentro da margem de 90 dias em que, pela legislação, deveriam preservar a prestação de serviços e o pagamento dos funcionários. Mas a crise econômica causada pelo coronavírus já prejudica os trabalhadores. Noventa e três pessoas foram demitidas da empresa responsável pela produção e fornecimento das refeições do restaurante universitário (RU). E pelo menos uma firma — que faz a limpeza do Centro de Ciências Matemáticas e da Natureza (CCMN) e do Ladetec — tem atrasado auxílios e o salário dos terceirizados.

O pró-reitor de Governança da universidade, André Esteves, explica que, diferentemente dos contratos que trabalham com mão de obra de dedicação exclusiva, a empresa do restaurante emprega as pesso-

as demais itens são voltados para o atendimento nas unidades hospitalares da UFRJ: aquisição de equipamentos de proteção individual (R\$ 4,1 milhões); adequação de leitos de UTI no Instituto de Neurologia Deolindo Couto, no campus da Praia Vermelha (R\$ 391 mil); e compra de equipamentos para 150 leitos de UTI (R\$ 14,6 milhões).

A universidade também solicita R\$ 600 mil para a compra de insumos necessários à produção de álcool glicerinado, álcool em gel e álcool 70°. Há uma estimativa de que os recursos possam abastecer o Complexo Hospitalar da UFRJ com aproximadamente 16 mil litros dos produtos, por mês, pelos próximos 90 dias.

Decana do Centro de Ciências Matemáticas e da Natureza e professora do Instituto de Química, Cássia Turci explica que a produção pode crescer, dependendo das doações que a universidade está recebendo e da disponibilidade da matéria-prima no mercado.

REPASSES DO MEC

EM 2020

R\$ 78 Milhões

PNAES:

R\$ 13,2 milhões

INVESTIMENTO:

Zero

MONTANTE SOLICITADO AO MEC PARA COMBATE A COVID-19:

R\$ 20,7 milhões

APORTE NECESSÁRIO

Os recursos, se confirmados, chegam em bom momento. A UFRJ, que já estava com o orçamento reduzido para enfrentar as despesas regulares do ano,

depende do governo para custear os gastos extraordinários provocados pela doença. A suspensão das aulas de graduação e pós-graduação não aliviou os cofres da instituição.

“Mesmo com unidades parcialmente fechadas, temos mais demanda de limpeza geral e limpeza especializada nos hospitais, por exemplo”, explica o pró-reitor de Planejamento e Finanças, professor Eduardo Raupp. Um exemplo é o reforço da higienização em uma área do Centro de Ciências da Saúde reservada para testes do coronavírus, desde a semana passada.

“Segurança também imaginamos que será muito exigida, seja para preservar o patrimônio nas áreas com baixa utilização, seja para assegurar as condições de trabalho nas unidades assistenciais que serão sobrecarregadas no próximo período”, observa o dirigente.

“Assim, entendemos que a pandemia aumenta a necessidade de gastos e esperamos ter os aportes necessários do governo

federal para isso”, completa.

DOIS MESES DE DÉFICIT

Mesmo sem considerar a crise do coronavírus, a situação de arrocho da universidade não sofreu alteração em relação ao que vem ocorrendo nos últimos anos. Até agora, foram recebidos 25% do orçamento total, ou R\$ 78 milhões. Estão incluídos no montante os 25% do Plano Nacional de Assistência Estudantil (PNAES), ou R\$ 13,2 milhões. Para investimento, nenhum centavo. A instituição somou, até o momento, R\$ 13 milhões de receita própria.

É muito pouco para regularizar os débitos da UFRJ: “Foi possível pagar as contas de 2019 e indicar orçamento para as contas de janeiro e parte de fevereiro”, explica o pró-reitor Raupp.

“Do ponto de vista ordinário do orçamento, a dificuldade segue a mesma: a defasagem de dois meses. Acrescida da ausência, até aqui, de liberação para investimento”, completa.



FUNCIONÁRIOS temem demissão. Empresas alegam queda de receita

UFRJ: “Nossa política em relação aos contratos tem sido a de mantê-los ativos, evitando ainda mais caos social com a possível demissão dos trabalhadores”, diz Raupp.

As orientações e precauções com os servidores e alunos devem ser estendidas aos terceirizados. “A dispensa de trabalhadores por razões humanitárias não pode ensejar demissões ou corte de benefícios. Estamos

atuando neste sentido”, afirma Raupp.

Para Luciana Calixto, da Associação de Trabalhadores Terceirizados da UFRJ (ATTUFRJ), a decisão da empresa do RU é “desumana”. “Faltou diálogo entre as partes. Estes 93 trabalhadores não vão ter como conseguir emprego tão cedo”, avalia.

Em relação à empresa de limpeza do CCMN e do Ladetec, a

ATTUFRJ cobrou providências da administração central no fim da última semana, uma vez que os pagamentos das faturas estão sendo feitos pela universidade, ainda que com atraso. Os terceirizados estão sem receber os auxílios-transporte e de alimentação há três meses e o salário de fevereiro ainda não foi depositado. “Há colegas que estão sem o dinheiro do aluguel”, lamenta.



O Laboratório de Virologia Molecular, do Instituto de Biologia da UFRJ, realiza testes moleculares, de alta complexidade, em profissionais e alunos dos hospitais universitários. Já foram realizados 260 testes, com alguns resultados positivos. Pesquisadores da universidade negociam com a Fiocruz o envio de testes rápidos para ampliar a capacidade do laboratório. A Marinha e o Laboratório Central de Saúde Pública Noel Nutels também pediram apoio da UFRJ para a realização de testes.



A previsão é abrir até cem leitos para tratamento da Covid-19. A universidade ainda depende de liberação de recursos do MEC. De forma imediata, tem condições de instalar seis leitos de CTI e 10 de internação – sendo três de isolamento total para pacientes mais graves. Outra linha de ação é a construção de 50 novos leitos com doações de ex-alunos (hoje empresários e gestores de saúde).



Equipamentos para profissionais e para pacientes estão sendo desenvolvidos na UFRJ. Em agradecimento à disponibilidade das equipes de enfermagem, a comunidade se mobiliza para fornecer os EPI. Já o professor Jurandir Nadal, do Laboratório de Engenharia Pulmonar e Cardiovascular da Coppe, desenvolve modelo de ventilador mecânico para pessoas com sintomas graves da Covid-19.



Projetadas pela UFRJ, as máscaras com viseira, para proteção dos profissionais que atuam na linha de frente do atendimento a casos de coronavírus, estão sendo confeccionadas em laboratórios da Coppe e da PUC-Rio. Impressoras 3D fazem o trabalho de literalmente tirar o projeto do papel. A primeira parte das máscaras foi finalizada na segunda-feira, 23.

1

TESTAGENS RÁPIDAS

2

NOVOS LEITOS DE UTI

3

EQUIPES E EQUIPAMENTOS

4

MÁSCARAS DA COPPE

CIÊNCIAS E SOLIDARIEDADE CONTRA A PANDEMIA



SILVANA SÁ
silvana@adufjr.org.br

> Em meio ao desafio de administrar e propor soluções para uma crise sem precedentes na história do país, a universidade assume a dianteira em pesquisas e produtos que auxiliam no diagnóstico e tratamento do coronavírus



lar da Coppe.

“Estamos estudando a viabilidade de desenvolver um modelo de ventilador mecânico de baixo custo e complexidade, que possa ser construído em massa, em pouco tempo e com os recursos disponíveis no mercado nacional, dadas as atuais dificuldades de importação”, explicou o professor em mensagem a um grupo de cientistas.

Outro enorme esforço é a abertura de novos leitos de CTI, voltados para o tratamento de doentes graves. O HU abriu seis leitos de CTI e 10 de internação, sendo três de isolamento total. E ainda depende de recursos do MEC e de outras frentes para abrir até cem novos leitos para coronavírus.

“Esta semana é decisiva. É quando a epidemia ganha velocidade. Ainda não há como saber quantas pessoas serão

quase duas mil pessoas. A preocupação em mantê-los saudáveis é constante. Por isso, há projetos em execução de fabricação de máscaras com viseiras para os profissionais de saúde. Elas são criadas a partir de impressoras 3D em laboratórios da Coppe e da PUC-Rio.

O Laboratório de Virologia Molecular, no Centro de Ciências da Saúde, já realizou 260 testes nesses profissionais. Houve resultados positivos para coronavírus. As pessoas estão em isolamento domiciliar. “Por enquanto estamos fazendo a testagem molecular, de alta complexidade. Mas buscamos parceria com a Fiocruz para aquisição de testes rápidos também”, informa o professor Rodrigo Brindeiro, do GT Coronavírus da UFRJ e pesquisador do Laboratório.

Na corrida contra o tempo, pesquisadores do Instituto de Biologia e da Coppe estão desenvolvendo um novo teste, mais simples e barato, capaz de detectar anticorpos para o novo coronavírus. “Alguns tipos de anticorpos são detectáveis já uma semana após o contágio, enquanto outros levam quase duas semanas para serem produzidos e permanecem por muito tempo. A proposta é detectar os dois tipos”, explica a professora Leda Castilho, do Laboratório de Engenharia de Cultivos Celulares da Coppe, mostrando que, a despeito de todos os ataques sofridos ao longo dos últimos anos, a ciência nunca foi tão urgente, tão necessária, tão rápida e tão certa.



5

MIL LITROS DE ÁLCOOL



Diferentes áreas do saber da UFRJ se uniram para a fabricação de álcool 70° para os hospitais da universidade. A iniciativa é do Instituto de Química, da Coppe e da Escola de Química. Em apenas três dias foram fabricados mil litros do produto. A meta é ampliar a produção para 3 mil litros por dia. Em breve, começa a fabricação de álcool em gel e glicerinado, com a cooperação da Faculdade de Farmácia.

6

ÔNIBUS PARA EQUIPES DA SAÚDE



A UFRJ oferece transporte gratuito para os profissionais que atuam em cinco de seus hospitais: HU, Maternidade-Escola, e os institutos de Ginecologia, Psiquiatria e Neurologia. A ideia é minimizar a exposição desses trabalhadores ao coronavírus e manter os serviços de saúde funcionando. Veja a relação de horários e locais de embarque: <https://bit.ly/2xg1t6g>.

7

TREINAMENTO DE RESIDENTES



Residentes do Hospital Universitário estão sendo treinados para atender os casos suspeitos de coronavírus que chegarem à unidade de saúde. Os protocolos são passados pela Coordenação de Controle de Infecção Hospitalar, com treinamentos itinerantes. Eles são organizados em grupos pequenos - dentro da própria rotina - para não submetê-los a aglomerações. Os treinamentos são realizados em parceria com a Coordenação de Educação Permanente, da Divisão de Enfermagem.

8

PLANTÃO ADMINISTRATIVO



Apenas serviços considerados essenciais – como setor de pagamentos de servidores e contas a pagar, limpeza e motoristas – estão com plantões presenciais. Os demais serviços são realizados no esquema de home office. A alimentação nos bandejões foi suspensa por determinação dos governos estadual e municipal de fechamento dos restaurantes do Rio de Janeiro.

Capes muda regras e preocupa bolsistas

ELISA MONTEIRO
elisamonteiro@adufrrj.org.br

A Capes patina na gestão e aumenta a intranquilidade da comunidade acadêmica, que tenta organizar a pesquisa e cuidar da saúde mental em tempos de pandemia. Para aliviar os efeitos da crise, a diretoria da AdUFRJ solicitou a prorrogação das bolsas a todas as agências de fomento, na sexta-feira (20).

A demanda da associação docente foi apresentada num contexto em que a pandemia do coronavírus prejudicou o trabalho dos pesquisadores no Brasil e no exterior. Situação agravada pela publicação de uma portaria da Capes na semana passada: a norma estabelece que todos os programas de pós-graduação, incluindo os de excelência, estão sujeitos a perdas de bolsas.

A solicitação da AdUFRJ observa que “as universidades têm hoje milhares de pós-graduandos que trabalham regularmente pressionados pelos prazos de suas bolsas”. E que as bolsas deveriam ser estendidas pelo mesmo período de duração da Covid-19. A Capes, por enquanto, recomenda aos programas a suspensão, por 60 dias, de defesas de teses e de dissertações presenciais. A orientação é para que as bancas de mestrado e doutorado sejam realizadas virtualmente.

Em relação à distribuição de bolsas, a agência de fomento ainda não cedeu. Pelos critérios apresentados na portaria, quanto maior a nota na avaliação da Capes, menor a possibilidade de corte do programa e maior a possibilidade de acréscimo. Quanto mais baixa a pontuação, o prejuízo é crescente. Cursos com as duas últimas notas três teriam redução de até 50% e não poderão receber nenhuma bolsa extra; os de conceito 7 podem perder até 20% das bolsas, sem limitação de teto para novas bolsas. Escapam da regra os cursos que ainda não foram avaliados — nesses casos, a mordida pode ser de 10%. E o acréscimo também é limitado a 10%. A decisão sobre a redistribuição dos benefícios passa a ser centralizada pela



KATHLEN BARBOSA/ARQUIVO ADUFRJ

EM UM MOMENTO de crise, a Capes apresenta normas que ampliam a tensão entre os pesquisadores

DA ADUFRJ PARA AS AGÊNCIAS

Diretoria da AdUFRJ

■ As universidades têm hoje milhares de pós-graduandos que trabalham regularmente pressionados pelos prazos de suas bolsas. Assim, a suspensão das atividades acadêmicas e o isolamento preconizado

pelas medidas de contenção da pandemia representarão um custo muito alto. Como consequência, temos visto muitos casos nos quais os estudantes optam por dar continuidade aos seus trabalhos, o que implica em circulação de pessoas, exposição e aumento da transmissão. Des-

sa forma, apelamos a todas as agências de fomento (e sugerimos a todas as associações científicas e pró-reitorias que façam o mesmo) que garantam a extensão do prazo das bolsas de pós-graduação pelo mesmo período de duração da pandemia do COVID-19.

FAPERJ PRORROGA BOLSAS

■ Na sexta-feira (20), a diretoria da AdUFRJ fez apelo às agências de fomento em favor dos bolsistas, diante da pandemia do coronavírus. Na mesma data, a Faperj respondeu sobre a alteração da vigência das bolsas, entre outras medidas. As que seriam encerradas entre março e junho serão prorrogadas por 90 dias. As três parcelas adicionais terão valor equivalente ao último pagamento previsto anteriormente. As taxas de bancada associadas às bolsas também serão prorrogadas por igual período.

Diretoria Executiva da Capes e é condicionada “à existência de disponibilidade orçamentária”.

“No ano passado, ainda na gestão do presidente anterior, Anderson Correia, a Capes pactuou com as universidades que não haveria nenhum aumento nem corte superior a 10% para todos os programas. Estava dentro de uma margem de razoabilidade”, avalia o professor Jackson Menezes, diretor da AdUFRJ. “Este ano, já estamos na publicação da quarta portaria sobre o tema, alterando completa-

mente os critérios, sem nenhum diálogo com as instituições”.

Em outra nota, a direção da AdUFRJ criticou a confusa edição de tantas portarias sobre o tema. E condenou o resultado final, cobrando a imediata revogação da norma e a abertura de um canal de diálogo com as universidades para a discussão do modelo de distribuição das bolsas.

A Capes respondeu às críticas, afirmando que o novo modelo “corrige um cenário de intensa distorção”. Segundo nota assina-

da pelo presidente da agência, Benedito Aguiar Neto, “os cursos de pós-graduação historicamente mal atendidos passam a receber mais bolsas. Por outro lado, aqueles que vinham recebendo, há anos, cotas em patamar muito fora da curva em relação aos padrões isonômicos, terão diminuição”. O dirigente garante que não há cortes, considerando o conjunto de bolsas, e que nenhum bolsista atual vai perder o benefício.

PÓS-GRADUANDOS QUESTIONAM ORIENTAÇÕES

O destino de 3,3 mil bolsistas da Capes que estão fora do país ficou em suspenso durante boa parte da semana passada. A agência só se comprometeu a manter as bolsas no exterior, na noite de quinta-feira (19). Por enquanto, somente os benefícios que se encerrariam em março de 2020 foram prorroga-

dos por até 60 dias. O retorno ao Brasil também é uma das opções oferecidas pela Fundação, com a suspensão da bolsa. A Associação de Pós-Graduandos da UFRJ questiona a imposição de despesas extras para quem decidir voltar ao Brasil antes do término do contrato. “A Capes custeará a passagem de

volta. Contudo, se esta pessoa quiser retornar ao país estrangeiro depois da crise, terá de arcar com as despesas de deslocamento, bem como o seguro-saúde”, justifica Kemily Toledo. Para a estudante, a “Capes encerrará o pós-graduando”. Se ele escolhe ficar no país estrangeiro, recebe a bolsa sem prorro-

gação (para quem não teria o benefício encerrado em março) e perde um tempo ainda indeterminado de pesquisa nas atuais condições. “Ou ele volta ao Brasil e, se não tiver como arcar com as despesas do retorno ao exterior, não completa sua pesquisa lá”, critica Kemily.

DANÇA DAS CADEIRAS

Diretoria da AdUFRJ

■ Parece que o presidente da CAPES tenta imitar a brincadeira da “Dança das Cadeiras” com portarias. Até fevereiro deste ano, a CAPES publicou três portarias tentando regulamentar a distribuição de bolsas de pós-graduação no país. Todas as três portarias com o nível de confusão típico do atual ministro da Educação. Apesar das confusões, elas estavam seguindo uma lógica discutida entre a CAPES e outras entidades durante o ano de 2019 (dentre elas o Fórum Nacional de Pró-Reitores de Pesquisa e Pós-Graduação). A comunidade acadêmica solicitou esclarecimentos sobre pontos das três portarias e eis que aparece a portaria 34, de 09 de março de 2020. Esta autoriza que PPGs nota 3 possam perder até 50% de suas bolsas. Ao mesmo tempo, a portaria prevê o pagamento de bolsas para PPGs profissionais ou acadêmicos no formato EAD desde que julgados estratégicos pela Diretoria Executiva da CAPES. Nos parece que tem boi na linha. Instituições de Ensino Superior privadas adoram este formato EAD integral, de baixo custo e alto lucro, e o atual presidente da CAPES era reitor de uma IES privada antes de assumir o cargo no MEC. Outra história mal contada nesta portaria é que os PPGs que optaram pela fusão terão bolsas relativas ao somatório dos programas individuais até a próxima rodada de regras de distribuição de bolsas. Se estamos em março e a regra do jogo já mudou duas vezes, quem garante que em 2021 os programas fundidos terão todas estas bolsas? Um fato estranho surge nesta portaria. O artigo nono tem a seguinte redação: “Os casos omissos serão resolvidos pelo Presidente da CAPES.” Normalmente, os casos de omissão são delegados a um órgão colegiado superior e não ao CPF de uma pessoa. Ou seja, fatos omissos complexos terão a decisão monocrática do Presidente. O resumo de toda esta história é que não dá para planejar ações de médio e longo prazo, no contexto da pós-graduação stricto sensu, em um ambiente de tantas incertezas, de regras e orçamentárias. Apoiamos integralmente a revogação imediata desta portaria e a abertura imediata de um canal de comunicação com as Universidades Federais, e as demais IES do Brasil, para que se discuta um modelo de distribuição de fomento aos PPGs stricto sensu que leve em conta as particularidades e necessidades do Sistema Nacional de Pós-Graduação como um todo. A qualidade da produção acadêmico-científica brasileira depende do capacidade, integridade e respeito à autonomia universitária por parte dos órgãos responsáveis pela educação no país. No momento de uma crise sanitária sem precedentes na história recente, esta portaria da CAPES é uma atitude irresponsável e agrava a situação de saúde pública do país.



Curso a distância, não. Contato com os alunos, sim

> UFRJ não vai adotar o EaD como solução para a continuidade das aulas durante a quarentena. AdUFRJ ressalta a importância de manter o vínculo com os estudantes e critica proposta do MEC

LUCAS ABREU
lucas@adufrrj.org.br

Em meio à pandemia do coronavírus, o Ministério da Educação editou uma portaria que autoriza as universidades federais a oferecerem ensino a distância para os alunos. Publicada no último dia 18, a portaria permite a substituição das aulas presenciais por 30 dias. O período pode ser prorrogado. A reitoria da UFRJ publicou uma nota no domingo, 22, afirmando que “a utilização de plataformas virtuais é permitida naquelas turmas que já faziam uso dessa tecnologia anteriormente e nos casos em que já esteira pactuada entre os estudantes e seus respectivos professores”.

A administração central reiterou que as atividades em ambiente digital não devem substituir as aulas presenciais, e que o calendário acadêmico será reajustado tão logo a situação se normalize. Na noite de segunda-feira, 23, a reitoria suspendeu as aulas por tempo indeterminado e não mais por 15 dias, como havia feito no início da pandemia.

A nota da UFRJ elenca as dificuldades para a adoção da metodologia, como a necessidade de que todos os professores tenham recursos materiais, a inclusão de alunos com deficiência e até a operacionalização do EaD. O fato é que a portaria do MEC abriu um debate na comunidade acadêmica da universidade. A diretoria da AdUFRJ preparou uma nota sobre o tema (box ao lado), ressaltando que o Ensino a Distância não deve ser instituído

ENSINO A DISTÂNCIA NÃO FAZ MILAGRE

Diretoria da AdUFRJ

■ Em meio à comoção social causada pela COVID-19, o Ministério da Educação anunciou, em portaria publicada na quarta-feira (18/03), que as universidades poderiam “em caráter excepcional, substituir as disciplinas presenciais, em andamento, por aulas que utilizem meios e tecnologias de informação e comunicação, nos limites da legislação em vigor”. Nessa grave crise de caráter inédito no Brasil, não queremos alienar as universidades das necessidades de seus alunos e da população em geral. Nesse sentido, acreditamos que

há, sim, recursos presentes na “tecnologia da informação e comunicação” aos quais podemos e devemos recorrer para manter nossos discentes ativos em suas quarentenas produtivas, e para que técnicos e docentes possam realizar quaisquer atividades que forem possíveis a distância. No entanto, é necessário dizer com toda a ênfase que é simplesmente impossível que uma instituição baseada no ensino presencial se converta em uma de educação a distância (EaD), mesmo que temporariamente. A EaD possui uma dinâmica, infraestrutura e desafios próprios, que não se resolvem apenas com boa vontade e um celular na mão.

Algumas disciplinas requerem anos de planejamento e comprometimento humano e financeiro, e tentar vencer isso em 15 dias (prazo dado para as instituições se manifestarem sobre a possibilidade) comprometerá drasticamente a qualidade da maioria das disciplinas. Em suma: instamos nossos e nossas docentes a buscarem toda a forma de manter o contato com seus alunos, se valendo das mais variadas tecnologias disponíveis. Mas que isso sirva apenas de complemento e jamais como substituição dos nossos cursos regulares. Estes terão que esperar o fim da epidemia para continuarem.

monitores, mas toda uma nova maneira pedagógica de pensar, e que exige planejamento. “O ensino a distância tem essa maneira diferente de organizar. É preciso repensar as aulas, o material didático e o contato entre os alunos e o professor”, explicou.

O professor Olavo Amaral, do Instituto de Bioquímica Médica, está conseguindo manter o contato com os alunos. Ele entrou em acordo com sua turma de Estatística e Reprodutibilidade em Ciências da Vida e começou a dar aulas online durante a quarentena. “Tem aparecido mais gente nas aulas online do que nas aulas presenciais, inclusive alguns alunos que não estão matriculados”, contou. “A interação com a turma está muito boa.”

Ele reconhece que há problemas específicos no modelo onli-

ne. “Às vezes, tenho alunos com problemas na conexão ou outro tipo de dificuldade para acessar a aula. Por outro lado, alguns alunos tiveram que voltar para as suas cidades de origem com a suspensão das aulas, e estão conseguindo fazer a disciplina assim mesmo”, relatou o professor, que assinou um serviço de web conferências e paga US\$ 15 por mês do próprio bolso para manter o curso a distância.

Diferente da empreitada do professor do IBQM, a Faculdade de Letras tem o programa Letras 2.0, projeto que oferece recursos e condições para professores da universidade usarem recursos digitais em turmas de graduação, pós-graduação e cursos de extensão. Criado em 2009, o programa é vinculado ao Núcleo de Pesquisa em Linguagem, Educação e Tecnologia - LingNet, e já atendeu mais de

6,5 mil usuários, com algo entre 25 e 30 professores utilizando a plataforma por semestre. “O Letras 2.0 não é só um serviço, mas uma fonte de pesquisa sobre como as novas tecnologias podem ser melhor aproveitadas para objetivos pedagógicos”, explicou a professora Kátia Tavares, coordenadora do Núcleo. “Nós avaliamos o uso desses recursos na prática, quais funcionam, o que os alunos pensam e o desenvolvimento dos alunos e dos docentes, e apresentamos os resultados”.

O Letras 2.0 não substitui as aulas presenciais. Mesmo assim, a procura pela iniciativa aumentou este período. “Não tivemos professores novos, mas alguns professores que já haviam usado o programa em outras ocasiões nos procuraram manifestando interesse”, contou a coordenadora.

REMÉDIO CONTRA A QUARENTENA

SILVANA SÁ
silvana@adufrrj.org.br

**PÍ-
LU-
LAS
ANTI-
MONO-
TONIA**

Diante da necessária quarentena para minimizar os possíveis efeitos de uma epidemia de coronavírus no Brasil, a AdUFRJ lançou as “Pílulas antimonotonia”. Trata-se de uma nova forma digital de

comunicação entre professores da UFRJ e a sociedade.

São vídeos curtos, publicados nas redes sociais da AdUFRJ, sobre variados temas, em que os especialistas da universidade vão nos ajudar a superar o afastamento social oferecendo debate sobre temas atuais, com conteúdo qualificado à luz de suas áreas de especialização. Uma forma de colaborar com o debate sério e responsável. Ao mesmo tempo em que leva a ciência, a cultura e os conhecimentos produzidos pela univer-

sidade para a população.

O primeiro programa foi ao ar no dia 18 de março, durante a Greve Nacional da Educação. A convidada é a professora Ligia Bahia. Integrante do grupo de trabalho de combate ao coronavírus na UFRJ, a docente faz um breve balanço sobre as políticas implementadas pelas autoridades sanitárias diante do avanço da Covid-19.

Especialista em saúde coletiva e ex-diretora da AdUFRJ, a professora defende que haja uma fila única no sistema de saúde, para entrada e internação de pacientes com suspeita de coronavírus. A tentativa é que deixe de existir uma distinção entre os que podem e os que não podem pagar planos de saúde. “É preciso que, pelo menos durante essa calamidade, haja solidariedade para que a gente não saia dela com um rastro que afirme a brutal iniquidade brasileira”, avalia a médica.

Abaixo, a íntegra de sua entrevista, que pode ser conferida também na TV Adufrj, no Youtube.

FERNANDO SOUZA/ARQUIVO ADUFRJ



‘É PRECISO QUE HAJA SOLIDARIEDADE’

ESTAMOS DIANTE DE UMA EPIDEMIA que não é “nutella”, que pode flagelar especialmente a população mais pobre deste país, a população que vive e trabalha em condições extremamente precárias. Já temos casos fatais em decorrência da epidemia do novo coronavírus.

AS UNIVERSIDADES BRASILEIRAS têm tido um papel muito importante no sentido de alertar a população sobre riscos e prevenção, mas, mais do que isso, têm tido papel de destaque na grande mobilização nacional para a produção de testes, para debates sobre diagnósticos, formas de tratamento. Estamos diante de uma luta pela vida, de uma luta pela ciência, de uma luta para que a humanidade sobreviva a este enorme desafio em melhores condições. Para que ela sobreviva como um todo.

É POSSÍVEL QUE NO BRASIL venha a ocorrer uma distinção muito grande entre as pessoas que têm mais acesso a serviços de saúde. Por isso, nesse momento, a nossa batalha – e é uma batalha da qual nós não arredaremos pé – é pela existência de uma fila única para internação, tanto dos pacientes que não têm plano de saúde, quanto dos pacientes que habitualmente usam plano de saúde. É preciso que, pelo menos durante essa calamidade, haja solidariedade para que a gente não saia dela com um rastro que afirme a brutal iniquidade brasileira.

É PRECISO TOMAR MEDIDAS, tais como o aumento do Bolsa Família, a distribuição de alimentos, a proteção da população de rua e da população carcerária. Há medidas específicas para esses segmentos populacionais.

NÓS EXIGIMOS QUE O GOVERNO BRASILEIRO, que as autoridades públicas, se apresentem neste momento. Temos um conjunto de medidas que ainda são genéricas. Não há, ainda, um plano explícito para o que vai ocorrer. É preciso então que nós, as universidades – como a UFRJ, que tem uma comissão de coronavírus –, nos apresentemos. Que estejamos juntos

com a população brasileira nesta batalha.

É UMA BATALHA DE VIDA E MORTE, mas é uma batalha da qual nós poderemos sair melhores se nós nos apresentarmos de modo solidário contra essa indiferença moral. Além da epidemia, que é um grave problema objetivo, nós temos um problema enorme de indiferença moral por parte de algumas autoridades brasileiras, especialmente do presidente da República, que insiste em afirmar que a epidemia é uma “histeria”. Esta postura tem provocado um desserviço.

ESTAMOS TAMBÉM DIANTE de autoridades religiosas que vêm dizendo que este é “um problema de satanás”, que é uma coisa da ordem do não biológico. Portanto, mais do que nunca, as universidades, nós pesquisadores, cientistas, profissionais de saúde temos que afirmar evidências científicas. Temos que ser capazes de ofertar para a população todo o conhecimento acumulado, nacional e internacional, sobre o tema.

PENSO QUE TEMOS REALIZADO ISSO. E a partir deste dia 18 seremos capazes de duplicar este esforço que foi realizado até agora.

TODA SEXTA, 17H30 PELO ZOOM

TAMÉM SEX TOU JUNTO

VENHA ENCONTRAR SEUS AMIGOS DA UFRJ E ALIVIAR OS EFEITOS DA QUARENTENA